

Disputas políticas pelo controle da distribuição da imprensa no Rio de Janeiro

Gabriel Costa Labanca*

A Societá

Em outubro de 1906, no centro do Rio de Janeiro, 78 italianos distribuidores e vendedores de jornal e revista fundaram a *Societá di Beneficenza e Mutuo Soccorso degli Ausiliari della Stampa*¹. Liderados por Gaetano Segreto, os imigrantes reunidos no *Theatro Maison Moderne* criaram mais que uma associação mutualista para oferecer pensões, indenizações, enterros, remédios e atendimento hospitalar aos seus membros.² A *Societá* controlaria toda a distribuição e venda de periódicos na então capital do Brasil, além de outras localidades, pelo menos durante as primeiras três primeiras décadas do século XX.

Gaetano Segreto, assim como seu irmão Paschoal, apesar de um início de vida tumultuado³, tinha conquistado grande prestígio e poder dentro da comunidade italiana fluminense desde a sua chegada ao país em 1883. Embora sempre juntos na maioria dos negócios, Paschoale tornou-se um dos maiores empresários do ramo entretenimento, enquanto Gaetano voltou-se para a distribuição e publicação de periódicos, como *Il Diritto* e *Il Bersagliere*⁴, jornais da comunidade italiana do Rio de Janeiro. Dentre os periódicos que distribuía, Gaetano era responsável pela circulação de *A Notícia* que, comparado aos vespertinos da cidade na virada para o século XX, era “o mais simpático, o mais lido e o de maior tiragem”.⁵

Desde finais do século XIX, imigrantes italianos estavam envolvidos com a venda de periódicos no Rio de Janeiro. Não se tratava de uma característica cultural dos italianos, mas de uma das estratégias de sobrevivência das parcelas urbanas dos imigrantes no novo país. Sem capital ou capacitação, os italianos tiveram que se voltar para a demanda de pequenos e desvalorizados serviços urbanos na cidade carioca: “Eram os mascates, artesãos e pequenos comerciantes; motorneiros de bonde e motoristas de táxi; vendedores de frutas e verduras, tanto como ambulantes, como em mercados; garçons em restaurantes, bares e cafés; engraxates, vendedores de bilhetes de loteria e jornaleiros.”⁶ Não por acaso, em romances mais realistas de finais do século XIX, como *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo⁷, os italianos são normalmente caracterizados como mascates, função de pouco ou nenhum prestígio na sociedade.

É nesse contexto que é criada a *Stampa* para “organizar a classe”⁸ de jornaleiros e distribuidores. Segundo um *Memorandum*

em italiano produzido pela própria Sociedade na década de 1940, no começo de suas atividades houve grande disputa entre dissidentes, empresas jornalísticas e a *Società*. Mas devido às ações enérgicas empreendidas pelos sócios beneméritos⁹, aos poucos a associação se afirmou, disciplinando a classe e harmonizando as divergências com a imprensa.¹⁰ Em 1927, o distribuidor Annibale Nicodemo prestará um relato semelhante ao revelar que o intuito da criação da sociedade era unir, confraternizar e disciplinar os elementos que trabalhavam nesse ramo de comércio.¹¹ Nesse sentido, a criação da *Stampa* veio suprir uma necessidade de organização e manutenção da dominação dos italianos sobre a circulação da imprensa periódica no Rio de Janeiro. Já que a disputa pela ocupação dos pontos de venda de jornal na cidade causava até mesmo disputas violentas, seja entre os italianos e brasileiros, ou mesmo entre os próprios imigrantes.¹²

A virada para o século XX marca o início da estruturação de maiores e estáveis empresas jornalísticas no Brasil, em sua maioria localizadas na capital, bem diferentes do tipo de imprensa feita no século anterior. Das disputas políticas pelo fim da monarquia e debates sobre temas polêmicos, como a abolição da escravidão e a instauração da república, emergiram diversas folhas de vida efêmera e pasquins incendiários que marcaram todo o período do Império brasileiro, principalmente as últimas décadas do segundo reinado.¹³ Cientes do perigo da circulação de ideias através dos periódicos, elemento de peso na derrubada da monarquia brasileira, os republicanos, quase que imediatamente após a tomada do poder em 1889, decretaram a censura à imprensa.¹⁴ Era uma situação paradoxalmente contrastante com a do período imperial, tempos em que a imprensa gozou de ampla liberdade. Se “os netos do imperador publicavam um jornal abolicionista dentro do palácio de São Cristóvão. Seria inimaginável pensar num jornal anarquista saindo de dentro do Palácio do Catete”.¹⁵ Talvez por isso, os poucos jornais sobreviventes, temerosos com a coerção empreendida pelo novo regime, tenham procurado o caminho da profissionalização, modernizando seus quadros de acordo com o ritmo dos novos tempos. Era o começo do que Sodré chamou, com certo exagero, de “grande imprensa”.¹⁶

A força dos Distribuidores

No caso da *Ausiliari della Stampa*, entretanto, havia a princípio uma certa peculiaridade em sua organização que não nos permite enquadrá-la num tipo ideal de mutual. Em primeiro lugar, existia clara distinção hierárquica entre distribuidores e jornaleiros. Apesar de

ambos serem reconhecidamente “auxiliares da imprensa”, os distribuidores tinham um grau de influência muito superior aos jornaleros, atuando muitas vezes como patrões desses.¹⁷ O distribuidor era, geralmente, um antigo jornalero que obteve junto a certo jornal o privilégio de estruturar toda a sua circulação. Em suma, através de uma loja própria próxima ou no mesmo local de impressão do periódico que representava, o distribuidor era o responsável por intermediar a entrega das folhas aos revendedores, determinando inclusive a quantidade recebida por cada sociedade de jornaleros. Para realizar essa mediação, os distribuidores recebiam, em média, de 30% a 40% do preço do jornal, dos quais repassavam 25% a 30% para os jornaleros. Os jornaleros, por sua vez, estavam organizados num tipo específico de sociedade conhecidas como “capatazias”. Nome tomado emprestado do capataz, sócio eleito pelos outros membros da sociedade para assumir o papel de liderança, negociando diretamente com os ditribuidores e repartindo os lucros obtidos entre os outros jornaleros da sociedade. Espalhadas por toda a cidade do Rio de Janeiro, essas sociedades ocupavam zonas demarcadas, limitando o campo de atuação dos jornaleros para que um não invadisse a “freguesia” do outro. As bancas, como as conhecemos hoje, ainda estavam longe de aparecer. Os jornaleros vendiam seus produtos no chão ou trabalhavam como “pregões”: transitavam nas ruas com uma volumosa resma de jornais às costas, ou sob o braço, apregoando as notícias do dia aos berros. Além desses, também era comum ver garotos, geralmente chamados de “gazeteiros”, que pulavam bondes e enfrentavam outros riscos para chegar onde outros jornaleros não conseguiam.¹⁸

Portanto, é clara a posição de destaque e liderança dos distribuidores na associação. De fato, foram os distribuidores, a começar pela figura central de Gaetano Segreto, que se mobilizaram para impedir que a circulação de jornais e revistas saísse do controle dos italianos com a modernização das empresas jornalísticas. Para que essa situação não se transformasse, era não só imprescindível que a classe estivesse unida como pacificada e organizada para atender à crescente demanda de leitores e editores do então Distrito Federal. Daí as sucessivas acusações de monopólio feitas, durante toda a primeira metade do século XX, por alguns meios de comunicação, por jornaleros brasileiros que se sentiam prejudicados com a dominação dos italianos ou pelos próprios jornaleros italianos contra o poderio dos distribuidores.¹⁹

Dentre os membros de maior destaque do quadro de fundadores da *Societá*, citaremos o nome de Vincenzo Perrotta (aportuguesado para José Vicente Perrota) como exemplo do prestígio e influência dos distribuidores sobre a sua associação de

classe, empresas jornalísticas e a própria sociedade brasileira. Tendo sido distribuidor dos jornais *A Manhã*, *A Esquerda*, *A Noite*, *O Globo*, dentre outros, assim como as revistas publicadas pelas mesmas empresas, Perrotta tinha grande reputação no meio jornalístico. “Homem polido e de boas maneiras num setor onde predominavam a grosseria e a falta de educação, fora batizado de Conde por Mário Rodrigues, nos tempos da Crítica. O apelido pegou, acompanhando-o pelo resto da vida”.²⁰ Outro testemunho lisonjeiro sobre o distribuidor pode ser encontrado no livro de memórias do célebre jornalista Edmar Morel, para quem Perrotta era um “gentleman”. Segundo Morel, “na época, todos os distribuidores de jornais eram italianos que, na hora do aperto, emprestavam dinheiro à gerência de alguns jornais, pagando os vales dados aos redatores. Figura singular era a do distribuidor italiano Vicente Perrota, que acabou Conde Papal”.²¹

Como se vê, a importância do distribuidor era de tamanha grandiosidade que por vezes poderia financiar a produção de um jornal. Em outros casos, o distribuidor poderia ser peça fundamental no lançamento de um novo periódico, como foi Perrotta para a fundação de *Mundo Esportivo*. Jornal inovador, para uma época na qual os esportes não tinham caráter de massa no Brasil, foi formado inicialmente por Mario Filho e seus irmãos, Pandiá Pires, Cristóvão de Alencar Duque, Mário Martins e o próprio Perrotta. O distribuidor havia sido convencido por Martins a investir na aventura. “Ele adiantou algum numerário e, em troca, ficou com a exclusividade da distribuição do *Mundo Esportivo*”.²² Enquanto alguns prestavam homenagens aos distribuidores, outros tinham verdadeira ojeriza pela função que exerciam no mundo da imprensa. Num artigo de 1939, ao invés de Conde, Perrotta será transformado “numa espécie de Duce da distribuição, marcando, pelo seu cronômetro, a hora dos relógios dos colegas, e dizem que fazendo a ‘eminence grise’ no 3º andar do edifício do *Jornal do Comercio*, onde funciona o Sindicato dos Distribuidores”.²³

Era, portanto, no seio da *Societá* através do intermédio de um Conselho Administrativo formado sempre por distribuidores e jornalistas de maior prestígio, que as divergências da classe tinham de ser resolvidas. Da mesma maneira, ali dentro se discutiam as falhas reclamadas pela imprensa na circulação de suas folhas, assim como eram negociados pontos de vendas, bancas, comissões e outras questões trabalhistas. Tudo sem documentação escrita, apenas a palavra como garantia. Exemplo desse procedimento pode ser verificado no Largo da Carioca, local dos mais concorridos no centro do Rio de Janeiro:

*Está aquele largo dividido por algumas faixas brancas, que figuraram com grande sucesso na encenação da Semana do Transito. Mas há outras divisões, mais profundas, e por isso mesmo, talvez, menos percebidas, traçadas pelo pessoal da Aussiliari della Stampa. O Largo da Carioca, do ponto de vista da distribuição e venda de jornais e revistas, esta dividido em 13 partes, avaliadas de 30 contos cada uma. A Aussiliari della Stampa avaliou em 390 contos o conjunto. As 13 partes são arrendáveis, vendáveis, retalháveis, disponíveis, desde que a operação tenha o beneplácito da Aussiliari, isto é, do Sindicato. Faltando este, tudo falta.*²⁴

Tudo isso nos coloca diante da hipótese de que a associação funcionava em moldes semelhantes aos de uma organização mafiosa, já que nesse tipo de estrutura que atua paralela à legislação estatal, “a única obrigação que ele [o mafioso] reconhece é a do código de honra”.²⁵ Dentre os mais de 500 sócios que a *Società* possuía em 1927, apenas 140, segundo o estatuto de 1945, possuíam o título de fundadores ou beneméritos, embora grande parte já tivesse falecido logo nas primeiras décadas do novo século. A grande maioria dos sócios se enquadrava na categoria Contribuinte, ou seja, aqueles que simplesmente pagavam a mensalidade e possivelmente não tinham qualquer poder de decisão dentro da associação, apenas os benefícios previdenciários comuns às mutuais.

Disputas políticas no seio da *Società*

Contudo, apesar do aparente estado de tranqüilidade reinante na *Ausiliari della Stampa*, também existiam divergências dentro do órgão. Uma delas ocorreu no início de 1928, em função do pleito para a escolha da nova diretoria da associação. Na ocasião, Vicenzo Perrotta lançou uma chapa dos “independentes”, feito aparentemente incomum, para concorrer contra o candidato à presidência Enrico Tocci, distribuidor dos jornais *A Noite* e *Correio do Povo*. Nesse contexto, um clima de intenso debate foi promovido pelos candidatos, no qual cada um se utilizava dos periódicos que distribuía para fazer acusações contra o adversário. Fato que pode demonstrar tanto a influência dos distribuidores sobre a imprensa, quanto o interesse dos jornais em ter seu distribuidor no comando da *Stampa*.

Mário Rodrigues, por exemplo, célebre editor de jornais como *A Manhã* e *Crítica*, cuja distribuição era feita por Perrotta, chegou a publicar um editorial extenso pedindo votos para o Conde:

Se elegerdes, porém, vosso presidente o nosso Perrotta, encontrareis patrocínio desvellado no homem limpo, no estheta que sae incolume

*do contacto da tinta das rotativas, do “gentleman” que sofre com o vosso sofrimento [...] Elegei-o vosso presidente, companheiros. Ele é o mais digno para a dignidade de vosso “leader”. Ele vos honrará. Ele vos exalçará. Ele vos servirá, pelo brio da consciencia humana que a causa delle representa, sobrelevando-se a mesquinhas e insultuosas conspirações políticas aleatorias, estranhas ao vosso estatuto.*²⁶

Simpatizante comunista, Perrotta denunciava a intervenção de forças políticas italianas, através de seu embaixador Bernardo Attolico, no processo eleitoral da sociedade. A mando do Primeiro Ministro italiano, o “Duce” Benito Mussolini, apoiou a chapa de Enrico Tocci, que também editava um jornal fascista no Rio de Janeiro. Através de uma estratégia de intimidação dos jornalheiros, pela negação de passaporte, perda de cidadania e confisco de bens, a representação diplomática da Itália conseguiu angariar uma quantidade de 118 votos para Tocci contra os 83 de Perrotta. O resultado final das eleições foi assim noticiado pelo jornal *A Esquerda*:

*Nas eleições de hontem para a directoria da ‘Società Auxiliare della Stampa’, o fascismo interviu desmascaradamente. Constituiu uma chapa e essa chapa acaba de ser imposta. A surpresa foi tão ostensiva à intervenção do fascio, que o embaixador Attolico enviou à ‘Stampa’ um esquadrão fascista commandado pelo sr. Pacilei, funcionario da embaixada!*²⁷

No entanto, enquanto jornais como *A Esquerda*, *O Globo* e *A Manhã*, davam o devido suporte à chapa dos “Independentes”, *A Noite*, *Vanguarda* e *A Notícia*, distribuídos por membros da chapa vitoriosa, anunciavam que a eleição havia ocorrido “animada e em ordem”²⁸ e que não era verídico o que “se divulgou sobre a intervenção ou coacção das autoridades diplomáticas italianas a favor da vitória da chapa da maioria”.²⁹ De fato havia qualquer conflito ideológico digno de investigação nessa disputa e episódios como esse pleito certamente também expõe a luta pela dominação do campo da opinião pública através da *Stampa*. As relações dos imigrantes italianos e seus descendentes com seu país de origem parece sofrer um brusco abalo com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência da República em 1930. Com as políticas nacionalistas e centralizadoras empreendidas pelo novo governo, ganham força as vozes contrárias ao suposto monopólio dos italianos na distribuição e venda de periódicos. Preocupados com as crescentes reações contrárias aos negócios de seus sócios, os diretores da *Stampa* decidem se adequar aos novos tempos e nacionalizam a organização. Em 15 de novembro de 1931, com apenas um voto

contrário, a *Società* transformou-se em *Sociedade de Beneficencia e Socorros Mutuos dos Auxiliares da Imprensa*. A mudança de nome, entretanto, não impediu que fosse aprovada uma proposta do secretário Ottaviano Provenzano, para que a sociedade, em respeito às tradições de sua origem, mantivesse sempre uma ótima relação de amizade e respeito com a autoridade oficial da Itália.

A *Società* contra a sociedade

A nova denominação também não impediu que a Sociedade sofresse dura investida contra a dominação que exercia sobre a circulação dos jornais e revistas no Rio de Janeiro. Embora, num discurso feito na comemoração do 30º aniversário da associação, o presidente Luigi Falbo tenha destacado que a entidade “não nasceu com caráter de resistência, não trazia, propriamente, um programa de reivindicações”³⁰, essa imagem não condiz com sua trajetória. Em pesquisa ainda superficial, verificam-se regulares queixas da Sociedade, tanto em relação ao valor das comissões cedidas pelas empresas jornalísticas quanto por decisões governamentais que pudessem prejudicar o negócio dos jornaleiros, como a concessão de instalação de novos kiosques na cidade. A entidade, portanto, tinha como função primordial a defesa dos interesses dos auxiliares da imprensa. Mais do que simples assistencialismo, seus membros ganhavam proteção contra eventuais ameaças ao seu meio de subsistência.

No início dos anos 1930, a firma *João Copello & Cia.* recebeu parecer favorável de alguns políticos sobre um pedido de licença para a exploração de pontos de venda de revistas e jornais na capital carioca por mais de 20 anos, o que causou grande comoção entre os membros da Sociedade. O decreto municipal 4.826, de 12 de outubro de 1942, segundo o qual o jornaleiro italiano só poderia permanecer em seu negócio desde que transferisse sua licença ou contratos a brasileiros natos também foi motivo de protestos por parte da associação. Tratava-se de tentativas explícitas de derrubar o rentável monopólio dos distribuidores italianos sobre a venda de periódicos que, por vezes, chegava às vias da violência.³¹ “De fato, a tônica das reportagens publicadas na época é a denúncia de que os italianos impediam trabalhadores nacionais de ingressarem no comércio de jornais e revistas, além de serem exploradores do trabalho de menores brasileiros”.³² Tanto que bandeirinhas do Brasil passaram a ser expostas nas bancas da *Cia. Brasileira de Jornais* no intuito de estimular certo boicote e constrangimento aos italianos. Atitude reprovada por certos jornais da época, que a consideravam como “nacionalismo mercantil”, ou seja, empresas que se utilizam do

simbolismo nacional para auferir lucros imediatos, levando vantagens sobre seus concorrentes.³³ Nessa época, contudo, os distribuidores já haviam criado seu sindicato, que pouco se diferenciava da *Sociedade de Beneficencia e Socorros Mutuos dos Auxiliares da Imprensa*. A fundação da nova entidade de classe, em 1932, foi precedida por um dos momentos de maior instabilidade da *Societá*.

A crise aconteceu em 1932, quando um grupo de jornaleiros, alias bastante numeroso, filiou-se à antiga União dos Trabalhadores Graphicos. Era uma reação dos jornaleiros, digamos nacionalista, contra o lucro absorvente dos distribuidores, digamos italianos. [...] Por sua vez, os jornaleiros se incorporam, com a fusão havida nos meios graphicos e de jornalistas, à União dos Trabalhadores do Livro e do Jornal. Mas já então a Aussiliari della Stampa, traduzida, fazia-se reconhecer pelo Ministério do Trabalho com o nome de Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas.³⁴

Para conseguir tamanha façanha em tão pouco tempo, não foi apenas necessário que os distribuidores tivessem realizada uma campanha bem sucedida de filiação junto aos jornaleiros, mas que também gozassem de regalias junto ao governo. E com boas relações no Ministério do Trabalho, provavelmente através do advogado da sociedade Evaristo de Moraes, que agora compunha a equipe ministerial formuladora da lei de sindicalização, o sindicato foi rapidamente reconhecido. Naquele contexto, isso significava a oficialização do *Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas*, sob o comando dos tradicionais distribuidores, em detrimento das outras associações que almejavam representar a classe. A lei de sindicalização de Vargas determinava a existência de apenas uma associação para cada profissão e, como somente os trabalhadores afiliados ao sindicato oficial poderiam gozar dos benefícios da legislação social³⁵, não havia escapatória para os jornaleiros a não ser se submeterem aos distribuidores. A partir desse período, parece ocorrer aos poucos um certo esvaziamento das atividades da Sociedade, tornando-se o Sindicato o lugar privilegiado das decisões da classe distribuidora e jornaleira. Ao mesmo tempo, o poder dos distribuidores tradicionais parece diminuir à medida que outros agentes interessados em disputar aquele nicho comercial tentam se impor no mercado de distribuição a partir de meados dos Novecentos.

Notas de Referência

- * Doutorando do Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), orientado pelo Professor Doutor Marcos Bretas. Contato: gabriellabanca@yahoo.com.br.
- ¹ A quantidade de sócios fundadores aqui exposta foi retirada de um relato do distribuidor Annibal Nicodemo (Correio da Manhã. O inestimável concurso que a Societá Ausiliari della Stampa presta à imprensa e ao público. 23 fev. 1927). No entanto, esse número varia de um estatuto para outro da associação. No estatuto de 1908 constam 104 fundadores, no de 1910 são 94, no de 1917, 1920 e 1945 são 140.
 - ² VISCARDI, Cláudia M. R.; JESUS, Ronaldo Pereira de. *A Experiência Mutualista e a Formação da Classe Trabalhadora no Brasil*. In: Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis. (Org.). *A História das Esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 26.
 - ³ “Paschoal foi preso treze vezes enquanto Gaetano, nove” (MARTINS, W. S. N. *Paschoal Segreto, “Ministro das diversões do Rio de Janeiro”* (1883 - 1920). Revista Cidade Nova, v. 1, p. 83-96, 2007. p. 84).
 - ⁴ “Este jornal gozou de grande prestígio no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e no exterior”. Dirigido em sua primeira fase por Giuseppe Magrini e depois por Antonio Grandis, a partir de 1894, era um diário de “linha política e pugnava pelos interesses dos trabalhadores”. Em 1899, voltou a circular sob o comando de Gaetano Segreto e de Mario Gambarone depois (VANNI, Júlio Cezar. *Italianos no Rio de Janeiro - A história do desenvolvimento do Brasil partindo da Influência dos italianos na capital do Império*. Rio de Janeiro: Comunità, 2000. p. 68).
 - ⁵ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003. p. 595.
 - ⁶ GOMES, Angela de Castro. *Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade*. In: Ronaldo Vainfas. (Org.). *500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. p. 150-178.
 - ⁷ AZEVEDO, O Cortiço. Rio de Janeiro: 2000.
 - ⁸ MEMORANDUM. *Societá di Beneficenza e Mutuo Soccorso degli Ausiliari della Stampa* 21/10/1906 – 15/11/1931. Sociedade de Beneficência e Socorros Mutuos dos Auxiliares da Imprensa 15/11/1931 – 31/05/1940.
 - ⁹ Sócios Beneméritos, segundo o estatuto da *Societá*, são aqueles tenham feito valiosos doativos ou prestado relevantes serviços à associação.
 - ¹⁰ “In principio si ebbe una lotta tremenda tra dissidenti, diverse imprese giornalistiche e la Societá, ma dovuto all’azione feconda, energica svolta da diversi soci benemeriti, l’associazione a poco a poco si affermò, disciplinando la classe ed armonizzando tutte le diverse divergenze con le imprese giornalistiche”.
 - ¹¹ Contudo, “nos primeiros tempos foi preciso lutar com a indiferença da maioria da classe e até com a má vontade ou prevenção de algumas empresas jornalísticas, que atribuíram fins diversos aos intuídos da associação. Com o passar dos anos a sociedade, sempre bem dirigida e administrada, conseguindo organizar e estabelecer as normas de um

- serviço de distribuição e venda de jornais e revistas brasileiras, veio se fortalecendo cada vez mais, podendo vangloriar-se do que tem conseguido, tanto em prol da sua classe como dos sócios e até mesmo das diversas empresas jornalísticas” (CORREIO DA MANHÃ. *O inestimável concurso que a Società Ausiliari della Stampa presta à imprensa e ao público*. 23 fev. 1927).
- 12 “A luta pelo setor de cada grupo é algo feroz e surdo, em que nem sempre faltaram tiros, e onde constantemente surgem incidentes, discussões e rosários de apostrophes a todas as Madonas peninsulares” (O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO. *A distribuição de jornaes*. jun. 1939. p. 95-111).
- 13 Sobre a emergência de novas ideias políticas e a multiplicação desses impressos ainda em 1821, ver: NEVES, Lúcia M. Bastos P. *Os panfletos políticos e o esboço de uma esfera pública de poder no Brasil*. In: Abreu, Marcia; Schapochnik, Nelson. (Org.). *Cultura Letrada no Brasil. Objetos e práticas*. São Paulo/Campinas: Fapesp/Mercado de Letras/ABL, 2005. p. 399-412.
- 14 “Em 23 de dezembro de 1889 o Governo Provisório baixava decreto de censura à imprensa, espalhando medo. Conhecido como *Decreto Rolha*, previa penas militares de sedição para os que conspirassem contra o governo ‘por palavras, escritos ou atos’” (MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006. p. 35).
- 15 CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem. Teatro das Sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 235.
- 16 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa da Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- 17 “O distribuidor recebe os jornais, mas não com ordenado ou comissões de venda própria de empregado. Cobra percentagem como um contratante de serviços e, por via do controle financeiro que exerce sobre os jornais, especialmente os mais pobres, geralmente se converte em interessado na administração do jornal. Contratante ou participante do jornal, ele age em relação ao vendedor como patrão. Para a distribuição dos matutinos, ele admite empregados: os vendedores. Para a dos vespertinos, ele admite vendedores a comissão, que, por isso mesmo, são subordinados seus. Qualquer que seja o ponto de vista por que se encare a questão, ela não muda de figura: o distribuidor é empregador e o vendedor, empregado” (O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO. *A distribuição de jornaes*. jun. 1939. p. 95-111).
- 18 REBELLO, Gilson. *O Rio de banca em banca*. Rio de Janeiro: O Dia, 1991.
- 19 Uma reportagem-denúncia publicada n’O Observador Econômico e Financeiro nos dá o tom dessa insatisfação: “Dar cinco a dez por cento de venda de um jornal a um distribuidor cuja ‘função’ consiste em entregar aos seus prepostos – lucrando por aí ainda mais – a mercadoria que sai da oficina, significa uma extorsão que fere profundamente a imprensa, quer os jornais a confessem, quer prefiram encobri-la, para não incorrer

nas iras dos grupos que controlam a distribuição. Sim, porque ainda há o controle da distribuição pelos grupos, reunidos todos em associação para distribuir entre si os mercados. Jornais e revistas são a sua presa. [...] O enredo – pois esta é uma história de *film* em série – da distribuição de jornais e revistas no Brasil é mais do que simples página vergonhosa para uma imprensa que infelizmente ainda não soube, senão com raras exceções libertar-se da ‘maffia’ da distribuição. [...] O vendedor se instala, paga licença, monta a banca. E depois? Onde estão os jornais e revistas? – pergunta o jornaleiro. O distribuidor passa de longe, faz-lhe caretas, e uma que outra vez, organiza-se uma bela surra – aliás, dia a dia mais rara, à medida que certos vendedores de iniciativa ousam afrontar a cólera dos deuses da distribuição, montando banca própria e arrostando o ‘boycott’”.

- 20 MARTINS, Mario. *Valeu a Pena: memórias de um jornalista e político de oposição que nunca foi do contra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 43.
- 21 MOREL, Edmar. *Histórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 47.
- 22 MARTINS, Mario. *Valeu a Pena: memórias de um jornalista e político de oposição que nunca foi do contra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 43.
- 23 O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO. A distribuição de jornais. jun. 1939. p. 95-111.
- 24 O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO. A distribuição de jornais. jun. 1939. p. 95-111.
- 25 HOBBSAWM, Eric. *Rebeldes primitivos*. Estudo sobre formas arcaicas de movimentoss ociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p. 49
- 26 RODRIGUES, Mario. À “*Società de Beneficenza Ausiliari della Stampa*”. A Manhã. Rio de Janeiro. 29 jan. 1928.
- 27 A ESQUERDA. *Como o sr. Attolico interpreta, no Rio de Janeiro, a política de Mussolini*. Rio de Janeiro. 30 jan. 1928.
- 28 A NOITE. S. A. *Della Stampa*. 30 jan. 1928.
- 29 VANGUARDA. *Está eleita a nova directoria da “Società Ausiliari Della Stampa”*. 30 jan. 1928.
- 30 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 27 out. 1936.
- 31 Em fevereiro de 1933, por exemplo, bancas de italianos da Galeria Cruzeiro e do Largo da Carioca foram depredadas por gazeteiros brasileiros devido a um cartaz no qual constava que apenas estrangeiros tinham o direito de vender jornais. O apelo ao patriotismo, de carona na valorização do trabalhador nacional empreendida pelo governo Vargas, era a estratégia mais utilizada nesse conflito.
- 32 CHINELLI, Filipina. *Folha no chão – Etnografia de uma sociedade de jornaleiros*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1977. p. 48.
- 33 O GLOBO. 22 jun. 1936.

³⁴ O OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO. *A distribuição de jornaes*. jun. 1939. p. 95-111.

³⁵ GOMES, Angela de Castro. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 23-27.